

# A CRÔNICA NAS PÁGINAS DE *O OCIDENTE: REVISTA ILUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO*

**Rita Cássia Lamino de Araújo Rodrigues\***

**Resumo:** Fundado em 10 de janeiro de 1878, em Lisboa, pelos ilustradores Caetano Alberto da Silva e Manuel de Macedo e pelo literato Guilherme Azevedo, o periódico *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro* circulou até 1915, com o intuito de difundir o conhecimento sobre os mais diversos setores da sociedade. Entre as suas principais seções, destaca-se a “Crônica Ocidental” que contou com a colaboração de cronistas como Guilherme Azevedo, Gervásio Lobato, D. João da Câmara, Alfredo Mesquita, Caetano Alberto e Antônio Coeira. Em vista disso, este artigo tem por objetivo fazer a apresentação dessa seção de modo a verificar o estilo desenvolvido por cada um dos seus cronistas.

**Palavras-chave:** *O Ocidente*. Crônica. Literatura.

## INTRODUÇÃO

■ **E**m Portugal, a partir do século XIX, com o crescimento da população urbana e a modernização da imprensa, os periódicos tornaram-se instrumento de conhecimento, cultura e propagação da literatura. Daniel Pires (1996, p. 40) chama a atenção para o fato de, nesse momento, os jornais e as revistas manterem uma ligação constante e aberta com a sociedade, uma vez que a imprensa é “chamada a intervir, a comentar, a tomar posição sobre os assuntos ingentes que decorrem”. Os escritores, por meio dos diversos jornais e revistas da época, eram responsáveis por viabilizar de maneira simples e clara as últimas tendências literárias, artísticas, filosóficas e científicas, de modo a instruir o leitor e deixá-lo a par dos acontecimentos do seu país e da Europa. Entre esses periódicos, destaca-se *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*.

\* Universidade Estadual do Norte do Paraná (Uenp) – Jacarezinho – PR – Brasil. E-mail: ritalamino@hotmail.com

Fundada em 10 de janeiro de 1878, em Lisboa, pelos ilustradores Caetano Alberto da Silva e Manuel de Macedo, pelo historiador Brito Rebelo e pelo literato Guilherme Azevedo, a revista, veiculada a cada dez dias, tinha um programa audacioso que pretendia, por meio da publicação de textos e gravuras, “servir de ideia civilizadora e trazer à luz a vida nacional que palpita no mundo obscuro do esquecimento público” (PROSPECTO, 1877, p. 1), ou seja, firmar a individualidade e os valores do povo português contribuindo para que Portugal voltasse a ocupar lugar de destaque na Europa.

Para promover a instrução e difundir o conhecimento por meio do comentário das últimas novidades sociais, política, científicas e artísticas, e, principalmente, agraciar o leitor com ilustrações e gravuras dos monumentos, das paisagens, cenas históricas, obras de artes e pessoas ilustres, sem fugir do seu objetivo de ser um produto nacional, a revista criou um moderno ateliê de formação de gravadores que contou de início com a colaboração de importantes profissionais supervisionados de perto pelo diretor artístico Caetano Alberto, viabilizando, assim, a publicação de imagens de notável qualidade artística.

Composta por oito páginas, a revista *O Ocidente* postava-se como uma abordagem múltipla em que de tudo tratava um pouco. Em suas páginas encontramos: artigos sobre economia, comércio, indústria, história, filosofia, arte, questões sociais e militares. Estudos introdutórios sobre as principais descobertas da ciência, expedições científicas, de maneira especial as empreendidas na África, informações sobre o tempo, lições de fotografia, divulgação de eventos internacionais e impressões de viagens. Notícias importantes do exterior, considerações sobre a cidade de Lisboa e as províncias, assim como informações sobre fatos religiosos. Suas páginas ofereciam opiniões críticas a respeito dos últimos livros, espetáculos teatrais e musicais; notícias sobre as celebrações da realeza, dos eventos das famílias aristocráticas, dos festejos e costumes do povo, e a apresentação do necrológico da semana.

Toda essa gama de assuntos da sociedade moderna era descrita por meio da utilização harmoniosa do texto e da gravura, sendo, portanto, “comentados com lápis e com a pena na galeria pitoresca e multiforme dessa publicação” (PROSPECTO, 1877, p. 1). Dessa forma, *O Ocidente* apresentava-se, segundo Rita Correia (2012, p. 1), “como uma revista muito diversificada no que toca a seus conteúdos, pois no seu horizonte estava um amplo aspecto de públicos de matérias e interesses [...]”. Colaborando com esse pensamento, José Tengarrinha (1989, p. 11) acredita que as revistas eram “um repositório privilegiado de notícias e *fait divers* que permitiam aprender as dinâmicas globais do evoluir da sociedade”. Assim, “a revista surge para poder servir de serão a toda a família satisfazendo uma necessidade cultural do público oitocentista” (ROCHA, 1985, p. 28).

Para dar conta dessa miscelânea de temas de modo satisfatório, a revista contava com os mais renomados intelectuais de diferentes perspectivas ideológicas, políticas, religiosas e culturais. Nas letras, destacaram-se, entre outros: Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Antero de Quental, Eça de Queirós, Teófilo Braga e João de Deus, Abel Botelho, Antônio Ennes, e nas artes, Soares dos Reis, Rafael Bordallo Pinheiro, Columbano Bordallo Pinheiro, Ernesto Condeixa, José Malhã. Entre eles, destacam-se Guilherme Azevedo, Gervásio Lobato, D. João da Câmara, Alfredo de Mesquita, Caetano Alberto e Antônio Cobeira, por serem os escritores responsáveis pela seção “Crônica Ocidental”.

## A CRÔNICA EM PORTUGAL

Entre as seções dedicadas à literatura na revista *O Ocidente*, destaca-se a “Crônica Ocidental”. Segundo Ana Luiza Martins (2001, p. 148), a crônica foi um dos gêneros que mais se adaptaram à revista, por “passar em revista temas, informações, estados d’alma, enfim toda uma prática e produção cultural da época, corroborando a característica mais forte do periódico de ‘espelhar o presente’”.

De origem francesa, o gênero, primeiramente conhecido como folhetim, chegou a Portugal no final do século XIX. Ernesto Rodrigues (1998, p. 236), em seu livro *Folhetim mágico*, aponta o *Periódico dos Pobres*, no Porto, como o primeiro a publicar esse novo gênero, sob o título de “Ano Novo”, em 1º de janeiro de 1838, depois desenvolvido com maestria por Antônio Pedro Lopes de Mendonça (1826-1865) e, posteriormente, por Júlio César Machado (1835-1890) no jornal *Revolução de Setembro*.

Inicialmente publicado no rodapé da primeira página do periódico, o folhetim era considerado uma seção de entretenimento em meio às notícias pesadas do jornal na qual se observava, segundo Vitorino Nemésio (apud RODRIGUES, 1998, p. 21), “a extensão da dignidade literária a todos os atos da vida”, sendo afinal “um soalheiro estilizado e escrito”. Já, antes dessa definição feita pelo crítico português, o escritor brasileiro Machado de Assis (apud COUTINHO, 1986, p. 121) chamava a atenção para o caráter frívolo do novo gênero, que seria “a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério e do frívolo”.

Com o tempo, o rodapé do jornal passou a ser destinado, quase exclusivamente, ao romance seriado, e os demais textos sobre os assuntos do cotidiano da sociedade foram transportados para o interior do jornal, constituindo-se local privilegiado para o desenvolvimento do novo gênero denominado em Portugal de folhetim-crônica ou crônica folhetinesca.

Embora o termo crônica já tivesse sido empregado antes para designar um tipo de relato histórico, a partir do século XIX, a “História pátria cedeu à história da sociedade” (RODRIGUES, 1998, p. 16), e a palavra passou a ser utilizada para denominar o texto opinativo que, veiculado no jornal, abordava diversos temas entre sérios e fúteis do cotidiano, situando-se na fronteira da informação de atualidade e da literatura, configurando-se como um relato ameno, por vezes poético da realidade. Assim, de caráter híbrido, uma vez que mistura literatura e jornalismo, a crônica passou a designar

*[...] um gênero literário de prosa ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura a argúcia na apreciação, na graça, na análise dos fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas* (COUTINHO, 1986, p. 121).

Dessa forma, trata-se de um texto breve em que o escritor, por meio de uma linguagem expressiva, por vezes poética, humorística e irônica, interpreta, de maneira subjetiva, os episódios corriqueiros da sociedade de sua época. Sendo assim, sobrevoa vários assuntos, detendo-se “naquilo que passaria despercebido aos olhos do leitor” (RONCARI, 1985, p. 14).

Por ser o reflexo da vida social e cultural na imprensa, a crônica exige do escritor, além do apuro literário, “um compromisso com o mundanismo” – “Homem do mundo e artista, tendo um pé na sala e outros nas caixas do teatro”

(MENDONÇA apud SANTOS, 1988, p. 177). Ao cronista cabia o papel de um *flanneur*, obrigado a participar dos eventos sociais e culturais da sociedade – estreias teatrais, bailes, concertos, exposições, sessões parlamentares –, de maneira a selecionar entre eles aqueles que chamariam a atenção do público, possibilitando um diálogo entre cronista e leitor.

Conforme ressalta Arrigucci Jr. (1987, p. 45), a crônica se

*[...] situa bem perto do chão, no cotidiano da cidade moderna, e escolhe a linguagem simples e comunicativa, o tom menor do bate-papo entre amigos, para tratar das pequenas coisas que formam a vida diária, onde às vezes encontra a mais alta poesia.*

Com essa característica, o gênero se acimatou em Portugal e tornou-se um dos principais atrativos dos periódicos, uma vez que, como ressalta César Machado (apud SANTOS, 1988, p. 177), importante cronista português, o gênero convinha perfeitamente à época em que surgiu, “tão apressada em escrever, em criticar, em pensar, em aprender, em saber, época em que os talentos são mais enciclopédicos do que profundos e acompanham em tudo a atividade desta civilização impaciente e febril”.

## A SEÇÃO “CRÔNICA OCIDENTAL” E SEUS CRONISTAS

A seção “Crônica Ocidental” era a de maior destaque na revista *O Ocidente*. Publicada na primeira página, funcionava, ainda que involuntariamente, como um editorial, na medida em que comentava com leveza os principais acontecimentos do período de dez dias, muitos dos quais voltariam a ser mencionados em outros textos da revista.

Assinada pelos seus diretores literários, a coluna, presente na revista por 37 anos, adquiriu diferentes tonalidades de acordo com as épocas em que as crônicas eram escritas e, principalmente, por causa do toque pessoal de cada um dos seus autores. Ao tratar de seus antecessores na “Crônica Ocidental”, Alfredo Mesquita (1908, p. 2) dizia que Guilherme de Azevedo “espalhava a graça”, “tirando bem a casca dos últimos acontecimentos”, que eram apresentados em suas crônicas de uma maneira infinitamente cômica, que um “rastilho de ironia e humorismo mordente ia fazendo explodir”. Por sua vez, Gervásio Lobato, quando assumiu a seção, não conseguiu dar continuidade ao humor sarcástico de Azevedo, dando aos casos da vida real apenas uma “veia cômica”, sendo “por largo tempo e sempre muito a contento de quem o leu” (MESQUITA, 1908, p. 2). Com a chegada de D. João da Câmara, as crônicas ocidentais apresentaram um “novo sabor”. Não adepto aos gracejos dos dois cronistas anteriores, João da Câmara “deu-lhe muito daquilo que tanto tinha”; adotando uma escrita muito diferente, “compensou no gosto de quem aqui o leu a falta do que mais havia em Guilherme de Azevedo e Gervásio Lobato, o sentimento. Não foram crônicas tão engraçadas como antes eram, mas tornaram-se graciosas” (MESQUITA, 1908, p. 2).

Guilherme de Azevedo foi o primeiro e talvez o mais importante autor dessa seção pelo fato de ser o cronista-fundador da revista. Publicou de 1878 a 1880, quando a deixou para viver em Paris como correspondente do jornal brasileiro *Gazeta de Notícias*. Intelectual ligado ao grupo da geração de 1870, com um espírito crítico e inconformista, Azevedo, considerado um dos principais cronistas

da época, “remetendo a segundo plano a irreverência do analista político dos primeiros tempos e o caráter essencialmente humorístico que fora o traço predominante dos textos anteriores” (SÁ, 1986, p. 96), aproveita o seu espaço, na revista, para comentar de modo ameno e elegante, em uma linguagem levemente irônica e humorística, os mais notáveis acontecimentos da vida literária, cultural, política e social do país. Consciente das obrigações do cronista, para ele, a crônica devia

*[...] falar do último livro notável, do último quadro célebre, da última caricatura, do último dito, do último rapto, metendo as mãos no saco das galanterias quotidianas e enfileirando como em cima de uma etagère os mais recentes bibelots da moda (AZEVEDO, 1878, p. 106).*

Dessa forma, fazia de sua seção um espaço atual em que eram analisados com humor e sarcasmo os principais assuntos decorridos no país.

Com a saída de Guilherme de Azevedo, Gervásio Lobato assumiu o cargo de diretor literário e, conseqüentemente, o de cronista da seção “Crônica Ocidental”. Escritor muito popular no meio teatral e jornalístico lisbonense, Gervásio Lobato, após deambular pelas ruas de Lisboa, apresentava, no seu “cavaco semanal”, um discurso divertido e não rígido sobre a família, as autoridades, os teatros, os tipos e as personalidades da sociedade portuguesa. Pinheiro Chagas (apud ESPERANÇO, 2013, p. 42) considerava sua crônica admirável por apresentar observações espontâneas, minuciosas e engraçadas:

*[...] o que Gervásio Lobato distingue de seus contemporâneos é a franqueza, a espontaneidade do seu estilo e do seu espírito tão diverso do estilo preparado, laboriosamente arranjado e do espírito real [...] dos seus contemporâneos.*

O próprio Lobato (1880, p. 150), ao analisar os predicados do cronista Guilherme de Azevedo, em uma de suas primeiras crônicas para a revista *O Ocidente*, ressaltava algumas características importantes, presentes em todo bom cronista que, por extensão, demonstra, em alguns aspectos, sua própria maneira de conceber a crônica:

*Tinha a verve profundamente humorística, muitas vezes cáustica, nunca grosseira, a observação justa, frisante, rápida, esse talento especial e indispensável ao cronista de apanhar logo qualquer acontecimento pelo seu lado cômico, descobrir no primeiro olhar o calcanhar de todo o Aquiles e saber ter sobre todos os fatos o primeiro mote e ao mesmo tempo a última palavra.*

Gervásio permaneceu como cronista oficial da seção “Crônica Ocidental” até a sua morte, em 1895, totalizando 16 anos de colaboração. Coube, então, o cargo a João da Câmara, que nela colaborou por 12 anos, até seu falecimento em janeiro de 1908. Amigo íntimo de Gervásio Lobato, com quem escreveu diversas peças teatrais, e colaborador antigo da revista *O Ocidente*, D. João da Câmara deu à seção uma nova tonalidade. Pouco adepto da ironia, o novo cronista atribuiu à crônica grande carga emotiva e lírica ao exaltar os campos portugueses e descrever o fim da tarde em Lisboa ou as estações do ano. Suas crônicas eram inofensivas, compostas por comentários impressionistas repletos de sentimentalismo e complacência, atributos que faltavam a seus antecessores na revista, porém estavam presentes em toda a sua obra literária. Fialho de Almeida (1923, p. 213) descreve-o como “um homem de letras nato, e com uma acentuada tara

de sentimento, à luz de cuja chama rósea ele via o principal dos seus assuntos”. Apesar disso, suas crônicas deixam transparecer uma preocupação com a arte, a vida social e política de seu país. Certa vez, D. João da Câmara (1902, p. 2), ao comparar o discurso anual da Coroa a uma crônica política, fez as seguintes considerações:

*Que são os discursos da Coroa de todos os anos senão uma crônica política, mais ou menos pacientemente ordenada, mais ou menos artisticamente burilada, enfeitada com seus tropos e figuras, aqui sobre o caso mais grave deslizando brandamente, ali risonha, acolá carregando ligeiramente o sobreolho, falando de nuvens só para nos dizer que a primavera não tarda?*

Assim, o autor chama a atenção para a importância de selecionar os acontecimentos mais notáveis da semana, atributo primordial do gênero, mas, sobretudo, para o modo como esses assuntos são abordados pelos cronistas, uma vez que é o estilo que sustenta a crônica. Dessa forma, D. João destaca a capacidade dos cronistas de observar e apreciar o movimento da sociedade, suas mudanças, o que nela há de sério, de extraordinário ou corriqueiro e, a partir da sua subjetividade e de seus atributos artísticos, adequá-los à sensibilidade do leitor.

Em seu caso, sobressai o estilo suave e gracioso com que constrói suas crônicas permeadas pelo uso da descrição do clima e da natureza do seu país. Na maioria das vezes, esse recurso estilístico é utilizado para facilitar a introdução da crônica e transposição de um assunto para o outro sem que ocorra uma alteração brusca, uma vez que o texto engloba todos os aspectos da vida portuguesa, misturando vários acontecimentos, por vezes, muito diferentes uns dos outros. É o que se observa na crônica de 20 de maio de 1901, quando, para passar de um fato político para os eventos culturais da cidade, depois para um evento teatral, e, por fim, comentar uma questão sociocultural, o cronista utiliza-se da descrição da primavera e dos campos portugueses:

*Amigos, amigos, negócios à parte. Era um velho ditado. Foi modificado pelo sr. Hintze Ribeiro, quando respondeu ao sr. Malheiro Reimão antigo regenerador, que falara contra um projeto apresentado pelo governo. A resposta do Sr. Presidente do Conselho resume-se em poucas palavras: – Negócios à parte? ... Não é de amigos.*

*Primavera! Primavera! ... Toda a santíssima natureza respira paz e alegria. Quinta feira foi a festa da espiga. [...] Estavam de dia apinhadas as galerias e ali na Avenida era a exposição das rosas. [...]*

*Primavera! Primavera!*

*Esteve uns dias aberta a mais linda exposição de rosas que tenha se realizado em Lisboa. [...]*

*Estamos em pleno verão. Dentro em pouco toda a sociedade elegante fugiu de Lisboa por todas essas linhas que rapidamente a leva para Sintra. [...] Seu último ponto de reunião foi no teatro D. Amélia, quando La Cigale et La Fourmise despediu de nós a gentilíssima Mariette Sulli. [...] Em teatro tudo agora são despedidas. [...] O campo a todos convida, com suas fresquíssimas sombras de ulmeiros, tílias e freixos, com o seus canteiros profusamente floridos, com os cantares de suas fontes. [...] Já nos ameaçam a transformação da casa do marquês da Foz e talvez novas construções nos jardim. A ideia por alguns apresentada para a compra do palácio, talvez o mais belo de Lisboa, que deveria*



*ser feita pelo governo, não teve talvez na opinião pública o apoio que merecia* (CÂMARA, 1901, p. 105, grifo nosso).

A utilização desse recurso produz a impressão de que o cronista comunica-se com o leitor como se fosse um bate-papo entre amigos, dando aos assuntos um tom ameno, aproximando seus textos do que Arrigucci Jr. (1987, p. 43) julga ser a crônica, “um gênero despretensioso, próximo da conversa e da vida de todos os dias”.

Ao mesmo tempo, o uso da descrição do tempo e da natureza serve para amenizar a leitura dos assuntos sérios e chamar a atenção do leitor para a natureza portuguesa como uma forma de superar os problemas pelos quais Portugal passava, – como crises políticas e descrédito do sistema monárquico. Desse modo, dos dizeres de D. João da Câmara percebe-se que a política passava por um momento difícil de instabilidade, evidenciado no desacordo entre os membros da Câmara. No entanto, o cronista encontra, na descrição da natureza, uma forma de se evadir dos problemas políticos e agraciar o leitor com descrições idílicas que demonstram paz e harmonia. A natureza, então, é vista como um lugar de tranquilidade, onde é possível deixar de lado as desavenças da cidade, em especial as controvérsias políticas. Assim, D. João da Câmara cumpre o seu papel de comentar todos os assuntos de uma maneira amena. Ao fazer isso, submete-se ao ideário intelectual português da época que buscava, nas belezas naturais da pátria, “um modo de regeneração e de reconstrução da identidade nacional” (VIÇOSO, 2002, p. 131).

No início do ano de 1908, com a morte de D. João da Câmara, foi a vez de Alfredo Mesquita assumir a função de cronista oficial da seção “Crônica Ocidental” da revista *O Ocidente*. Jornalista de destaque na imprensa portuguesa e antigo colaborador desse periódico, Mesquita, a partir de 20 de fevereiro de 1908, passou a assinar a coluna sob o pseudônimo de João Prudêncio. Em suas crônicas, revelava um grande talento crítico, elegante, ágil, irônico e mordaz. Ao escrever sua primeira crônica para revista, depois de falar daqueles de quem herdou a seção, coloca-se como escritor de pouco agrado nas palavras, ou seja, sério e intransigente – “quanto a mim, por pouco ou quase nada entra na graça e no sentimento que a crônica possa ter o modo de ser de quem o faça” – e extremamente preocupado com os fatos a serem selecionados para a confecção da crônica: “os acontecimentos, afinal, é que são tudo. Para se fazer um empadão a primeira coisa que se precisa é ter a lebre” (MESQUITA, 1908, p. 2). Para Mesquita (1908, p. 2), a temática abordada está acima do estilo, ou seja, o tema da crônica é que rege o modo como o cronista irá tratá-la: “Se há criatura que tenha de andar toda a vida à mercê dos acontecimentos e ao sabor deles é o cronista. Se os casos são para rir, há que ir, se são para lastimar, há que lastimar”. Sendo assim, a seção “Crônica Ocidental” que, até então, teve um tom humorístico, satírico, cômico e gracioso, passou a ser audaz e solene, variando de nuance de acordo com o assunto abordado. Alfredo Mesquita permanece na revista até 30 de novembro de 1911, quando escreve sua última crônica, sem fazer qualquer menção ao motivo de sua saída.

A partir de dezembro de 1911, a seção “Crônica Ocidental” passa a ser assinada por Caetano Alberto da Silva e Antônio Cobeira.

Diretor-proprietário da revista, excelente gravador e grande intelectual, Caetano Alberto da Silva escrevia com frequência artigos para a revista, muitos dos quais assinava sob o pseudônimo de João Verdades. De acordo com Alda Santos

(2009, p. 98), durante o ano de 1912, dedica-se às crônicas ocidentais, “revelando a sua formação conservadora, ligada aos valores burgueses de apologia do trabalho, espírito de sacrifício e virtudes morais da família cristã”.

Em suas crônicas, Silva (1912b, p. 49), na maioria das vezes, privilegia, entre os acontecimentos notáveis da semana, aquele que mais se destacava: “torre de Belém está em foco como é moda dizer. Que outro assunto pode interessar à crônica?”. No entanto, ciente do papel da seção de dar a conhecer ao leitor todos os fatos imprescindíveis do momento, o cronista, em texto do dia 10 de fevereiro de 1912, pede desculpas aos leitores por discorrer apenas sobre as colônias portuguesas na África que tanto têm preocupado as grandes potências europeias:

*E esse é o assunto palpitante e por isso a crônica o preferiu, pedindo porventura, desculpa aos seus leitores de, ao invés de lhe falar das greves e distúrbios, tão condenáveis quanto estéreis lhe sirva esta mistura de colônias e de cifra* (SILVA, 1912a, p. 26).

Em outro momento, quando comenta o espírito trabalhador do povo português determinado pela República, coloca a crônica como mensageira dos anseios dos lusitanos: “e assim dizendo, a crônica interpreta o sentir de todos os portugueses, livres de preconceitos e animados de firme vontade de trabalhar” (SILVA, 1912c, p. 162).

Observa-se que, com Caetano Alberto da Silva, as crônicas ocidentais ganham um tom conservador, nacionalista. Os aspectos mais importantes a serem apresentados são escolhidos de acordo com o jugo do diretor da revista que é simpático à política governamental da época. Desse modo, enquanto no país ocorriam greves e revoltas do povo contra o governo, Caetano Silva prefere dar crédito à política de governo em África, assunto que funcionava como um orgulho nacional.

O último cronista da *O Ocidente* foi Antônio Cobeira que nela escreveu sem interrupção de 30 de outubro de 1912 até o último número da revista, em 10 de julho de 1915. Professor do Liceu “Alexandre Herculano”, no Porto, e poeta ligado à tendência saudosista-nacionalista da revista *Águia*, na qual colaborou de maneira esporádica por intermédio de Fernando Pessoa, Cobeira deu à “Crônica Ocidental” uma tonalidade moderna ao utilizá-la como janela para divulgação de alguns expoentes da Geração de Orpheu, como Mário de Sá-Carneiro<sup>1</sup>.

Em seu primeiro texto, como cronista oficial da seção, Cobeira (1912, p. 234) deixa sobressair suas impressões e sua relação com a crônica, personificando-a ao chamá-la de “D. Crônica” e ao atribuir-lhe características humanas, como compassividade, ironia e ser que com “sorriso de quem desceu a inferioridade profunda das coisas e da vida, e tocou com o pé a lama e tocou com o olhar a estrela examina a multidão que gesticula ruge e passa”. Assim, descreve-a como ser desprezioso que, de modo simples, com ar de quem não quer nada, examina tudo e todos ao seu redor. Todavia, ao continuar suas observações, confirmando sua tendência moderna, coloca a crônica como um ser satânico:

*Entretanto, como lhe fulge no olhar esmeralda a alegria maligna e clara dos espíritos lúcidos – nesse olhar felino que é a minha admiração e o meu amor, nesse olhar esverdeado que deve ter Satã – e esse gracioso diabo que saltou de*

1 Antônio Cobeira escreve sobre Mário de Sá-Carneiro na “Crônica Ocidental” do *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, no dia 20 de dezembro de 1913.



*sonho em sonho pelas estrelas e veio enfim trambolhar no seio doloroso da realidade. Mas não que D. Crônica trambolhasse, um dia, acaso! D. Crônica jamais perde a linha da sua artificialidade artística, minuciosamente estudada e traçada. Mostra-se na sua ingenuidade paradisíaca – seria abrir-se aos olhos profanos e pescos que de longe a espreitam* (COBEIRA, 1912, p. 234).

Desta forma, Cobeira concebe o gênero como algo dissimulado e pretensioso que, usando de seus atributos artísticos – maneira delicada, “névoa de palavras e perfumes” e “impressões finas”, à semelhança do que faz o anjo maligno –, consegue envolver, seduzir e conduzir o leitor sobre os mais diversos episódios da sociedade, inclusive os mais sérios e “sisudos” por meio do “seu sorriso ligeiro”. Para terminar, o cronista supõe a existência de uma fusão entre o cronista, no caso ele, e a crônica: “E como ela fala tão bem e tão junto a mim – e eu interpreto aos meus leitores tão junto a ela – até sinto a impressão de que é uma voz bem dentro de mim e bem profunda que me segreda” (COBEIRA, 1912, p. 234). A crônica, assim, torna-se inseparável do cronista, na medida em que é uma prolongação da sua subjetividade e das suas impressões do mundo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante seus 37 anos de existência, a seção “Crônica Ocidental”, presente no periódico *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, registrou momentos importantes da sociedade portuguesa e, inclusive, do estrangeiro. Em suas colunas, apresentou o desenvolvimento científico, cultural e social do país, assim como episódios importantes da política de colonização da África e a transição da Monarquia Constitucional para a República em 1910. Todos esses assuntos foram tratados de acordo com a individualidade e o trato literário de cada um dos seis cronistas que por ela passaram. Assim, Guilherme de Azevedo deu a ela muito do seu humor e ironia, Gervásio Lobato encheu-a de graça e comicidade, D. João da Câmara fez desse espaço um lugar de sentimento e complacência, enquanto Alfredo de Mesquita tratou os assuntos com elegância e audácia, Caetano Alberto Silva expressou todo seu conservadorismo e Antônio Cobeira contribuiu com seu espírito moderno.

Portanto, obedecendo ao paradigma das revistas ilustradas da época que tinham por intuito entreter, instruir e fornecer cultura e conhecimento aos seus leitores, *O Ocidente* utilizou-se da crônica para proporcionar ao leitor um panorama geral dos principais acontecimentos da sociedade lisboeta de forma leve e descompromissada na seção “Crônica Ocidental”.

### THE CHRONICLES ON THE PAGES OF *O OCIDENTE: REVISTA ILUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO*

**Abstract:** *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro* circulated, in Lisbon, between the years of 1878 and 1978, in order to spread the knowledge about the different parts of the society. Among its main sections, it is highlighted the “Occidental Chronicle” which counted on the collaboration of chronicle writers, such as Guilherme Azevedo, Gervásio Lobato, D. João da Câmara, Alfredo Mesquita, Caetano Alberto and Antônio Cobeira. Therefore, this article has as

the objective to do the presentation of this section in order to verify the style developed by each one of its writers.

**Keywords:** *O Ocidente*. Chronicle. Literature.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. de. D. João da Câmara. In: ALMEIDA, F. de. *Figuras de destaque*. 2 ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1923. p. 213-220.
- ARRIGUCCI JR., D. Fragmentos sobre a crônica. In: ARRIGUCCI JR., D. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66.
- AZEVEDO, G. de. Seção “Crônica Ocidental”. *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, Lisboa, n. 14, p. 106, 15 jul. 1878. Disponível em: <[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente\\_1878.htm](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente_1878.htm)>. Acesso em: 28 jan. 2014.
- CÂMARA, J. da. Seção “Crônica Ocidental”. *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, Lisboa, n. 806, p. 105, 20 maio 1901. Disponível em: <[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente\\_1902.htm](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente_1902.htm)>. Acesso em: 28 jan. 2014.
- CÂMARA, J. da. Seção “Crônica Ocidental”. *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, Lisboa, n. 829/830, p. 2, 10/20 jan. 1902. Disponível em: <[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente\\_1902.htm](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente_1902.htm)>. Acesso em: 28 jan. 2014.
- COBEIRA A. Seção “Crônica Ocidental”. *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, Lisboa, n. 1218, p. 234, 30 out. 1912. Disponível em: <[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente\\_1912.htm](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente_1912.htm)>. Acesso em: 28 jan. 2014.
- CORREIA, R. Ficha histórica – *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*. Lisboa: Hemeroteca Digital, 2012. Disponível em <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2014.
- COUTINHO, A. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, A. (Dir.); COUTINHO, E. de F. (Co-Dir.). *A literatura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Global, 1986. v. 6, p. 117-137.
- ESPERANÇO, R. M. P. *Uma leitura de Lisboa em camisa: comédia humana de Gervásio Lobato*. 2013. 152 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Portugueses)– Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013.
- LOBATO, G. Seção “Crônica Ocidental”. *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, Lisboa, n. 66, p. 150, 15 set. 1880. Disponível em: <[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente\\_1880.htm](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente_1880.htm)>. Acesso em: 28 jan. 2014.
- MARTINS, A. L. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempo de República*: São Paulo: Edusp, 2001.
- MESQUITA, A. Seção “Crônica Ocidental”. *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, Lisboa, n. 1045, p. 2, 10 jan. 1908. Disponível em: <[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente\\_1908.htm](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente_1908.htm)>. Acesso em: 28 jan. 2014.

- PIRES, D. B. R. de S. *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do século XX (1900-1940)*. Lisboa: Grifo, 1996.
- PROSPECTO. *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, Lisboa, 1877. Disponível em: <[http://www.hemerotecadigital.cmlisboa.pt/OBRAS/Ocidente/NSpecimen/NSpecimen\\_master/Specimen.pdf](http://www.hemerotecadigital.cmlisboa.pt/OBRAS/Ocidente/NSpecimen/NSpecimen_master/Specimen.pdf)>. Acesso em: 24 mar. 2014.
- ROCHA, C. *As revistas literárias do século XX em Portugal*. Lisboa: Casa da Moeda, 1985.
- RODRIGUES, E. *Folhetim mágico: literatura e jornalismo em Portugal*. Lisboa: Editorial Notícias, 1998.
- RONCARI, L. A estampa da rotativa na crônica literária. *Boletim Bibliográfico*, São Paulo, v. 46, p. 9-16, jan./dez. 1985.
- SÁ, M. das G. M. de. *Guilherme Azevedo na geração de 70*. Lisboa: Icalp, 1986.
- SANTOS, A. C. B. R. dos. *O Ocidente: imagens e representações da Europa*. 2009. 161 f. Dissertação (Mestrado em História)–Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.
- SANTOS, M. de L. L. dos. *Intelectuais e portugueses na primeira metade de Oitocentos*. Lisboa: Presença, 1988.
- SILVA, C. A. da. Seção “Crônica Ocidental”. *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, Lisboa, n. 1192, p. 126, 10 fev. 1912a. Disponível em: <[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente\\_1912.htm](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente_1912.htm)>. Acesso em: 28 jan. 2014.
- SILVA, C. A. da. Seção “Crônica Ocidental”. *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, Lisboa, n. 1195, p. 49, 10 mar. 1912b. Disponível em: <[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente\\_1912.htm](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente_1912.htm)>. Acesso em: 28 jan. 2014.
- SILVA, C. A. da. Seção “Crônica Ocidental”. *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, Lisboa, n. 1209, p. 162, 30 jul. 1912c. Disponível em: <[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente\\_1912.htm](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente_1912.htm)>. Acesso em: 28 jan. 2014.
- TENGARRINHA, J. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. Lisboa: Portugalia, 1989.
- VIÇOSO, V. A literatura portuguesa (1890-1910) e a crise finissecular. In: MATOS, S. C. (Coord.). *Crises em Portugal nos séculos XIX e XX*. Atas do seminário organizado pelo Centro de História da Universidade de Lisboa. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2002. p. 117-138.

Recebido em dezembro de 2015.

Aprovado em fevereiro de 2016.